

Do espetáculo sem espectador em Bergson

Du spectacle sans spectateur chez Bergson

Palavras-chave: Bergson, Husserl, Bento Prado Junior.

Mots-clés: Bergson, Husserl, Bento Prado Junior.

Luiz Manoel Lopes

Juazeiro do Norte, Brasil.

Professor de filosofia pela UFCA.

Doutor em filosofia pela UFSCar.

RESUMO: O presente artigo trata de apresentar considerações sobre a leitura de Bento Prado Junior em relação ao filósofo Henri Bergson, destacando o conceito de espetáculo sem espectador em que o autor procura acentuar as diferenças entre o bergsonismo e a fenomenologia husserliana.

RÉSUMÉ: Cet article présente des considérations sur la lecture de Bento Prado Junior en rapport avec le philosophe Henri Bergson, en soulignant le concept de spectacle sans spectateur dans lequel l'auteur essaie de mettre en évidence les différences entre le bergsonisme et la phénoménologie de Husserl.

Alguns daqueles que se inclinaram para o estudo de Henri Bergson, já tiveram a oportunidade de se deparar com as minuciosas relações tecidas, por Bento Prado, entre o *pensamento bergsoniano* e a *fenomenologia husserliana*. Em *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson* assistimos ao papel do universo das imagens como fundo transcendental na constituição da subjetividade e ao mesmo tempo da objetividade. A orientação de Bento Prado, neste ponto, é imprescindível, por apontar o porquê de Bergson se direcionar para tal campo de imagens. No primeiro capítulo de *Matéria e memória* encontramos Bergson supondo um fingimento, dizendo inclusive que poderíamos supor não compreender nada das teorias que dizem respeito à matéria e ao espírito. O suposto fingimento incide imediatamente sobre o desconhecimento da idealidade e realidade do mundo exterior. Sendo justamente, este ponto que nos chama

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

Artigo recebido 07/10/2015

Artigo aceito 06/10/2016

atenção ao lermos o capítulo terceiro de *Presença e campo transcendental* intitulado *Campo das imagens: presença e representação*. Neste capítulo, temos a oportunidade de encontrar detalhes de extrema importância quando se trata de entendermos o que se denomina de campo transcendental e também como podemos, a partir do confronto entre idealismo e realismo, atestar a diferença entre o pensamento bergsoniano e aquele advindo de Husserl. O conceito de *espetáculo sem espectador*, tecido por Bento Prado Júnior, nos alerta que Bergson, ao construir idealmente a consciência, com todas as suas estruturas inclusive a intencionalidade não quer, de modo nenhum, substituir a experiência da consciência. Trata-se, da reunião das condições necessárias para pensarmos a realidade.

“Ela pretende, apenas fornecer o esquema da inteligibilidade, e não descrever a gênese do real. Ela se opõe ao idealismo exatamente por recusar-se à construção no sentido forte da palavra. Por outro lado, opõe-se ela ao realismo, por acreditar na necessidade de justificar o surgimento da subjetividade e por afirmar a sua essencial presença no interior do fenômeno do conhecimento”¹.

A relação entre idealismo e realismo permite entender a diferença entre o pensamento bergsoniano e a fenomenologia, por ser a segunda um idealismo transcendental mesmo sem prescindir do realismo empírico, já que Husserl prega um retorno às coisas mesmas. A pergunta essencial a ser feita, no confronto entre idealismo e realismo, é a seguinte:

Como se explica que as mesmas imagens possam entrar em dois sistemas diferentes um onde cada imagem varia em função dela mesma e na medida bem definida em que sofre a ação real das imagens vizinhas, o outro onde todas variam em função de uma única, e na medida variável que elas refletem a ação possível dessa imagem privilegiada?”².

¹ Bento Prado Jr. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 139.

² Henri Bergson, *Matéria e memória* : tradução de Paulo Neves da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 16.

Bergson argumenta que toda imagem é interior a certas imagens e exterior a outras; mas do conjunto das imagens não é possível nos dizer que ele nos seja interior, ou nos seja exterior, já que a interioridade e a exterioridade não são mais que relações entre imagens. Ora, os dois sistemas de imagens se apresentam como aqueles que remetem para o mundo da ciência e da consciência. O primeiro estando determinado por leis fixas e constantes chamadas de leis da natureza, neste sistema todas as imagens se relacionam umas em relação as outras por todas as suas partes, sem que nenhuma novidade, sem que nenhum índice de liberdade, apareça. O segundo, por sua vez, é o introdutor de indeterminação e conseqüentemente de novidades em meio as imagens. Bergson destaca que tal imagem privilegiada, além de perceber e agir diante das outras imagens, possui o poder de ser afetada por elas mediante o *corpo*. A idéia de *espetáculo sem espectador* aparece relacionada ao conceito husserliano de espectador desinteressado, conceito este que está exposto na obra: *Meditações cartesianas*. Todavia, Bento Prado Júnior teceu este conceito para nos orientar sobre o motivo de Bergson se reportar ao universo das imagens, ao campo prévio das imagens. O título de *Matéria e memória* traz o subtítulo: *Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Bento Prado Júnior esclarece que o problema metafísico – a relação entre o corpo e o espírito, podemos dizer também entre a matéria e o espírito – é recolocado por Bergson. Deste modo, tal problema não pode ser estudado através das teses idealistas e realistas; trata-se de encontrar o solo onde surgem as condições para se pensar ora, privilegiando a ciência, ora à consciência; e, também a *crítica à representação*. Bento Prado esclarece-nos sobre este tema:

“Assim como *Essai* procurava resolver o problema tradicional da liberdade, *Matière mémoire* enfrenta o problema, também tradicional na metafísica, das relações entre o espírito e a

matéria. Mas, para que as aporias relativas ao comércio entre o espírito e a matéria se transformem em autênticos “problemas”, é necessária a instauração de um sistema intelectual e experimental que torne, em seu interior, possível a solução.”³³

Desfazer as ilusões, os falsos problemas, consiste em transportar o problema para um novo solo e, para isto, se faz necessário “*ausentar-se dos pressupostos*”. As proximidades com a fenomenologia são inúmeras, mas ao mesmo tempo esboçam-se distâncias infundáveis. Podemos dizer que a proximidade com a fenomenologia começa logo no início do capítulo primeiro de *Matéria e memória*, já que Husserl afirma que pretende, a partir da ausência de pressupostos, radicalizar o “a priori” para em seguida encontrar a evidência apodítica. No entanto, a empresa bergsoniana se diferencia da fenomenológica em muitos aspectos; a redução bergsoniana, conforme o dizer de Bento Prado, não tem o mesmo percurso que a husserliana. De início, sendo a fenomenologia definida por Husserl - em *Idéias para uma fenomenologia pura I* - como uma ciência eidética e não como ciência de fatos, encontramos uma distância enorme entre esses dois tipos de reduções, já que Bergson procura recolocar o problema metafísico supracitado situando-o no campo de observação dos fatos. Tal observação, contudo, não se apóia em nenhuma teoria, seja ela idealista ou realista, muito pelo contrário, os fatos são observados e estudados de modo ingênuo. A observação dos fatos própria à ciência está conectada ao propósito metafísico de solucionar a tensão que aparece no problema entre matéria e espírito. A ingenuidade da observação começa com o suposto fingimento em que todos os pressupostos são abandonados - e aqui vemos que não é somente o poeta que finge. Bento Prado aponta que fingir nada conhecer sobre as teorias da realidade do mundo exterior é colocar toda

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

³³ Bento Prado Jr. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*, p. 134.

a tradição filosófica entre parênteses. A terminologia e o propósito husserliano são logo reconhecidos; “o tirar de circuito à tese natural” e “o colocar o mundo entre parênteses para modificá-la radicalmente” são termos propriamente husserlianos. Husserl afirma que é preciso perder o mundo para ganhá-lo com um novo sentido. No entanto, a epokhé sendo feita através de várias etapas culmina no Eu Transcendental, como transcendência na imanência, no limite como espectador desinteressado. Husserl no parágrafo 11 das *Meditações cartesianas* sublinha o que a epokhé fornece, em termos de pureza, ao sujeito que medita desconectado do mundo: o eu e sua vida psíquica permanecem intactos, qualquer que seja a existência ou não existência do mundo e, qualquer que possa ser o julgamento que se faça sobre esse sujeito. Husserl expõe que o eu e sua vida psíquica que se mantêm necessariamente, apesar da epokhé, não são parte do mundo.

A redução bergsoniana, por sua vez, mantém através da observação dos fatos, como movimento entre imagens, a relação com o mundo. As leis que determinam o trânsito, o comércio, entre as imagens, são as leis que a ciência denomina de leis da natureza. Neste sentido, como aponta Bento Prado parece que a redução bergsoniana é uma redução pela metade. Além de tudo, jamais veremos, em Bergson, o encontro com a intencionalidade como tema fenomenológico capital. Sendo justamente este o ponto nevrálgico dos ataques que Sartre faz, na *Imaginação*, ao modo como Bergson trata o universo das imagens e, sobretudo à questão da consciência. Deste modo, afirmamos que jamais encontraremos em Bergson a preocupação de sublinhar a heterogeneidade da consciência e seu objeto e, nem muito menos a justificativa de um eu transcendental ou puro. Sartre afirma com todas as letras que não há nenhuma inovação no modo de Bergson pensar a consciência; a sua réplica tem apoio no antipsicologismo de Husserl. Para Sartre, ainda

haveria, no bergsonismo, resquícios de uma consciência psicológica, de uma consciência presa à imanência, sem que, contudo, fosse distinguida a intencionalidade e o seu objeto. Se, não fosse a orientação de Bento Prado não conseguiríamos compreender que a réplica sartriana não se sustenta. Como vimos, o motivo bergsoniano é o de resolver um problema, preocupando em colocá-lo como um autêntico problema, e para isto, descarta tanto o idealismo como o realismo, procurando o solo comum em que as duas teorias nascem. Ademais, aparecem no texto de Bento Prado dados imprescindíveis sobre a relação de Bergson com a filosofia de Berkeley: *“Matêrie et mémoire seria, em última instância, a elaboração de um quadro de distinções e oposições necessárias à superação dos obstáculos criados pela argumentação de Berkeley, que não chega a completar o segundo momento da reflexão”*. (PRADO JÚNIOR, 1988, p.130). Bento Prado afirma que as mesmas acusações, que são feitas a Berkeley, também são dirigidas por Sartre em relação ao bergsonismo. O mesmo Sartre que criticara Husserl dizendo que o eu transcendental é a morte da consciência, ataca impiedosamente Bergson, por este não ter apresentado a passagem do *“em-si”* ao *“para-si”*. Do mesmo modo, o critica também por não ter visto o caráter intencional da consciência. No entanto, Bento Prado Junior nos alerta que tal procedimento deixa passar em branco a preocupação maior de Bergson que é justamente a de resolver o problema metafísico da relação entre matéria e espírito e, de criticar a idéia de representação assim com também dissipar a crença de que a percepção está intimamente relacionada ao conhecimento. Sarte não consegue entender que o universo das imagens aparece como o solo comum para que tais problemas sejam resolvidos; além disso, a colocação do mundo como um conjunto de imagens assegura que não há a mínima possibilidade de confundirmos o bergsonismo, pelo menos em *Matéria e memória*, com

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

um psicologismo. É preciso distinguir, e não perder de vista, que na medida em que Bergson afirma o universo das imagens está incisivamente criticando as filosofias que partem do sujeito já constituído e de um objeto “já feito”. Essas filosofias se sustentam na noção de representação conforme nos diz Bento Prado Júnior: “A representação é a noção contraditória que esconde a dificuldade insuperável e que permite, apenas, ‘resolver’ falsos problemas”. (PRADO JÚNIOR, 1988, p.146). A noção de representação é que faz, por exemplo, a psicofisiologia considerar que a representação é fruto de movimentos cerebrais. Bergson, neste ponto, argumenta: afirmar que o cérebro é a condição da imagem total consiste em não atentar para o detalhe que ele é, por hipótese, uma parte dessa imagem.

As críticas de Sartre ao bergsonismo são prontamente neutralizadas pela pena de Bento Prado Júnior, que não mede esforços em apresentar aspectos quase imperceptíveis no texto de Bergson como, por exemplo, a crítica à crença que vincula a percepção ao conhecimento; no bergsonismo, a percepção está relacionada à ação. Esses falsos problemas, essas ilusões, são desfeitas a partir do momento em que se toma o universo das imagens como campo transcendental. Tal noção é importada da fenomenologia e Sartre, na *Transcendencia do Ego*, ao criticar Husserl dizendo inclusive que o eu transcendental é a morte da consciência intencional, se reporta a esta noção sinalizando que a consciência na verdade é um campo transcendental sem eu. A tese de Sartre é a de uma consciência impessoal e pré-individual, em que o Ego apareceria como transcendente. Sartre observa que Husserl também teria considerado esse aspecto do ego nas *Investigações Lógicas*, mas retrocedeu a ponto de dizer que existiria um *ego transcendental* por trás da consciência, como pode ser comprovado nas *Idéias* e nas *Meditações cartesianas*. Sartre fez a seguinte afirmação sobre esta questão:

“Seguimos Husserl em cada uma das suas admiráveis descrições, em que ele mostra a consciência transcendental constituindo o mundo e aprisionando-se na consciência empírica; estamos persuadidos, tal como ele, que o nosso eu psíquico e psicofísico é um objeto transcendente que deve ficar ao alcance da epoché. Mas nós nos fazemos a seguinte pergunta: não é suficiente este eu psíquico e psicofísico? Será preciso duplicá-lo por um Eu transcendental, estrutura da consciência absoluta? Vêm-se as conseqüências da resposta. Se ela é negativa, resulta daí: 1º, que o campo transcendental torna-se impessoal ou, se se prefere, ‘pré-pessoal’, ele não tem Eu “. ⁴

Nas *Meditações cartesianas*, Husserl apresenta o *eu puro* numa réplica a Descartes, ou seja, afastando-se dele ao deixar de fazer a passagem do *Ego cogito* ao *ergo sum*, do eu penso ao eu sou: o eu puro é o eu reduzido à pura corrente da consciência. Para ele, Descartes fez do Eu penso um axioma como aquele que vige na geometria. Tal axiomatização, diz o fenomenólogo, vem da influência nefasta da matemática e, por esse desacordo, procura fundamentar a ciência absoluta pela filosofia. O Eu penso cartesiano será assim retirado da categoria de substância, assim como distinguido de um eu psicológico. A redução leva ao aspecto transcendental, e Husserl coloca em relevo que o eu puro não possui uma relação com o mundo, mas sim com o fenômeno do mundo.

Sobre a idéia de campo transcendental é necessário acrescentar uma perspectiva que, ao que tudo indica, não foi lida por Deleuze – que é um pensador que se ocupou de estudar essa idéia, apesar de ser notória a influência de Bergson em seus

⁴ Sartre, *A Transcendência do Ego*, tradução Pedro M.S. Alves, Lisboa: Colibri, 1994, p.46.

escritos⁵, como também de Sartre⁶. Faz-se necessário indicar o que, nessa discussão sobre o campo

⁵ Bergson aparece em vários momentos da obra de Deleuze, que a ele dedica os artigos “Bergson” e “A concepção da diferença em Bergson”, produzidos em 1956. No ano de 1966 publica o *Bergsonismo*, livro em que não se pode encontrar ainda qualquer referência à idéia de plano de imanência, nem tampouco à de campo transcendental. Não vemos, no *Bergsonismo*, sequer remissão ao primeiro capítulo de *Matéria e memória* (*Seleção das Imagens*), que em 1983 se tornará tema em seu primeiro livro sobre filosofia e cinema: “A imagem-movimento”. Este livro toma como referência o campo prévio das imagens de Matéria e Memória — primeiro sistema de imagens em que elas agem e reagem entre si sem se reportarem a um centro fixo ou sem que apareça ali qualquer intervalo. Nesse primeiro livro sobre filosofia e cinema, Deleuze já aplica o termo *plano de imanência* para tratar desse sistema de percepção pura ou da matéria em movimento. Nesse trabalho, Deleuze observa que no capítulo IV da *Evolução criadora*, publicado em 1907, Bergson acusava o cinema de produzir uma ilusão de movimento através de cortes fixos no tempo; enquanto que em *Matéria e memória*, escrito onze anos antes, já aparecia o cinema como imagem movimento⁵. Em seu segundo livro sobre cinema “A imagem-tempo”, escrito em 1985, Deleuze estuda o cinema a partir do terceiro capítulo de *Matéria e memória* “Sobrevivência das imagens”. Já em “O que é a filosofia?”, livro escrito em parceria com Felix Guattari e publicado em 1991, vemos a exaltação de Bergson por ter pensado a imanência⁵. Sartre também comparece em inúmeras citações de Deleuze. Observamos, entretanto, desde a “Lógica do sentido” até “A Imanência: uma vida” uma série de hesitações, e até certo ponto de rupturas — e por fim referências positivas a esse autor. Na “Lógica do sentido” essas hesitações e rupturas têm como alvo a noção de *campo transcendental*⁵ que Deleuze indica ser imprescindível para tratar o tema do sentido. Sua crítica em relação a essa noção, conforme utilizada por Sartre, deu-se sobretudo pelas ligações desse filósofo com a fenomenologia de Husserl — mesmo após retirar o ego transcendental e mostrá-lo com transcendente; a consciência enquanto intencionalidade é um dos motivos dessa crítica. Todavia, as considerações de Deleuze sobre Sartre mudam de teor quando nos deparamos com “O que é a filosofia?”; onde o campo transcendental aparece articulado à imanência e a contribuição de Sartre exaltada. Nesse texto também se podem observar algumas referências críticas a Bergson, no que diz respeito às relações entre filosofia e ciência, associadas, sobretudo, à distinção deleuzeana entre estado de coisas e acontecimento. O sobrevôo, pensado como acontecimento⁵, paira sobre os estados de coisas e corpos possuindo uma relação diferente com o tempo. O “entre tempo” quer dizer que entre dois instantes não há tempo, mas somente o vazio do acontecimento onde nada ocorre; em termos deleuzeanos, seria nada mais nada menos do que a contraefetuação do acontecimento. É em seu último texto, publicado em 1995, “A Imanência: uma vida”, que o campo transcendental⁵ vai ser articulado ao plano de imanência e este definido como “uma vida”.

⁶ Podemos atestar nas citações a seguir as condições de Deleuze sobre Sartre e Bergson em torno da idéia de campo transcendental, plano de imanência e “uma vida...”: ⁶ Cf. Gilles Deleuze, **Lógica do Sentido** – tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo, Perspectiva, 1974, p.101. “Em verdade a doação de sentido a partir de uma quase causa imanente e a gênese estática que se segue para as outras dimensões da proposição não podem ser realizar senão em um campo transcendental que responderia as questões que Sartre punha em seu artigo de 1937: um campo transcendental impessoal não tendo a forma de uma consciência pessoal sintética, a de uma identidade

subjetiva – o sujeito, ao contrário sendo sempre constituído”.

Cf. Idem, *ibidem*, p.101n. “A idéia de um campo transcendental impessoal ou pré-pessoal, produtor do Eu, assim como do Ego é de uma grande importância. O que impede esta tese de desenvolver todas as suas conseqüências em Sartre é que o campo transcendental impessoal é ainda determinado como o de uma consciência que deve então unificar-se por si mesma e sem eu através de um jogo de intencionalidades ou retenções puras”.

Cf. Gilles Deleuze *O que é a filosofia?*, p. 65-66. “A suposição de Sartre, de um campo transcendental impessoal devolve a imanência seus direitos. Um tal plano é talvez um empirismo radical; ele não apresenta um fluxo de vivido imanente a um sujeito, e que se individualiza no que pertence a um eu. Ele não apresenta senão acontecimentos, isto é mundo possíveis enquanto conceitos, e outrem, como expressões de mundos possíveis e personagens conceituais. O acontecimento não remete ao vivido a um sujeito transcendente = Eu, mas remete ao sobrevôo imanente de um campo sem sujeito”.

Cf. Idem, *ibidem*, p.66. “Aconteceu com Bergson, uma vez: o princípio de *Matière et mémoire* traça um plano que corta o caos, ao mesmo tempo movimento infinito de uma matéria que não para de se propagar e a imagem de um pensamento que não pára de fazer proliferar por toda parte uma pura consciência de direito (não a imanência que é imanência “à” consciência, mas o inverso).

Cf. Idem, *ibidem*, p.203-204. “Um sistema atual, um estado de coisas ou um domínio de função, se definem, de qualquer maneira, como um tempo entre dois instantes, ou entre muitos instantes. É por isso que, quando Bergson diz que entre dois instantes, por mais próximos que sejam, há sempre tempo, ele ainda não sai do domínio das funções e somente introduz nele um pouco de vivido. Mas, quando subimos para o virtual, quando nos voltamos para a virtualidade, que se atualiza no estado de coisas, descobrimos uma realidade inteiramente diferente, onde não temos mais de cuidar do que ocorre de um ponto a outro, de um instante a outro, porque ela transborda toda função possível. De acordo com os termos familiares, que se pôde emprestar de um cientista, o acontecimento “não se preocupa com o lugar em que está, e pouco se importa em saber desde quando ele existe”, de modo que a arte, e mesmo a filosofia, podem apreendê-lo melhor que a ciência. Não é mais o tempo que está entre dois instantes, é o acontecimento que é um entre-tempo: o entre-tempo não é eterno, mas também não é tempo, é devir. O entre-tempo, o acontecimento, é sempre um tempo morto, lá onde nada se passa, uma espera infinita que já passou infinitamente, espera e reserva”.

Cf. Gilles Deleuze. *L’immanence: une vie*, Paris, Philosophie, n. 47, Minuit, 1995 – *A imanência; uma vida*, tradução de Jorge Vasconcellos e Hércules Quintanilha, in *Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência*, Londrina, UEL, 1997. “O que é um campo transcendental? Ele se distingue da experiência desde que não se remeta a um objeto nem pertença a um sujeito (representação empírica). Também se apresenta como pura corrente de consciência a-subjetiva, consciência pré-reflexiva e impessoal, duração qualitativa da consciência sem eu. Pode parecer curioso que o transcendental se defina por tais dados imediatos: falaremos de empirismo transcendental em oposição a tudo o que faz o mundo do sujeito e do objeto. Há algo de selvagem e de potente neste empirismo transcendental. Não é o elemento da sensação (o empirismo simples), já que a sensação não passa de um corte na corrente da consciência absoluta. É a passagem, por mais próximas que sejam duas sensações, a passagem de uma á outra se dá como um devir, como aumento e diminuição de potência (qualidade virtual)”.

transcendental, ainda resulta de um confronto com o psicologismo e sobretudo com o movimento positivista. Os nomes de Bergson e Husserl reluzem, nesse cenário de oposição ao positivismo, em sua tentativa de fundamentar as ciências a partir dos fatos empíricos. Husserl, nas *Meditações Cartesianas*, afirma o “eu puro” como o descortinar de uma experiência transcendental. Tal campo de experiência transcendental resulta da *epokhé*, onde não somente o corpo e o mundo são colocados entre parênteses, mas sobretudo o eu psíquico e o eu psico-físico. O “eu puro” é um conceito de Husserl que remete ao domínio do transcendental, do qual deriva todo sentido e valor do mundo enquanto fenômeno. Husserl ressalta no § 11 das *Meditações Cartesianas* que o conceito de transcendental possui o seu correlato, isto é, o transcendente. O eu reduzido (transcendental) não faz parte do mundo assim como o mundo não faz parte do eu. Qual seria a posição do eu puro? Husserl afirma que não é possível que o mundo e o seu objeto façam parte do “meu eu”; diz ainda que é impossível encontrá-lo no meio de minha vida psíquica como um complexo de dados sensoriais ou de atos psíquicos.⁷ Husserl, como dissemos, afirma que a *epokhé* não leva apenas para o “Eu Penso” como pensava Descartes, mas destaca uma esfera nova e infinita da existência, na qual se descortina a experiência transcendental como um campo de possibilidades apriorísticas, que ditam regras à experiência real. Os problemas filosóficos transcendentais são inúmeros e

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

⁷ Cf. Husserl, *Meditações Cartesianas* § 11: “Essa transcendência é inerente no sentido específico de tudo o que faz parte do mundo, ainda que não possamos dar a esse mundo e às suas determinações nenhum outro sentido senão aquele que extraímos de nossas experiências, representações, pensamentos, julgamentos de valor e ações da mesma forma não podemos justificar a atribuição a esse mundo de uma existência evidente, a não ser partindo de nossas próprias evidências e atos. Se essa transcendência de inerência irreal pertence ao sentido do mundo, então o eu em si, que carrega nele o mundo como unidade de sentido e que justamente por isso é uma premissa necessária dele, esse eu chama-se transcendental no sentido fenomenológico do termo, e os problemas filosóficos decorrentes dessa correlação chamam-se problemas filosóficos transcendentais”.

o que percebemos de imediato é a relação da filosofia contemporânea com Husserl. A crítica ao sujeito tem como ponto de partida a tese de Husserl sobre a subjetividade transcendental. Ora, se Husserl coloca entre parênteses não somente o mundo e o corpo, mas também o Eu penso, o que resultaria se também colocasse o eu transcendental? De imediato, a unidade ideal de sentido do mundo desapareceria por completo. A tese de um campo transcendental sem sujeito seria, para Husserl, a retirada do sentido do mundo.

Bento Prado promove uma discussão, em *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade em Bergson*, em torno da idéia de campo transcendental em Husserl, destacando a possibilidade desse campo transcendental ser sem sujeito; é nessa discussão, ou melhor, a partir dela que aparecerá um *viés bergsoniano* para a idéia de campo transcendental. De início, parece soar estranho, uma vez que *Bergson não é fenomenólogo*, nem muito menos apresenta essa idéia em seus textos; mas vejamos como a questão se apresenta: a discussão de Bento Prado põe em relevo o diálogo entre *Jean Hippolyte*⁸ e o husserliano *Van Breda* (organizador dos

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

⁸ Cf. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*, p.132. O diálogo entre Hippolyte e Van Breda se processou da seguinte maneira: “Qual é o estatuto da subjetividade transcendental? Mais exatamente, o estatuto do Ego na problemática husserliana? O Pe. Van Breda nos diz nem objetivismo [. . .] nem subjetivismo, mas a relação, a mediação entre os dois, na qual se instalaria o filósofo [. . .] haveria de um lado, a revelação do ente à consciência e, de outro, a abertura da consciência para o ente.. Instalando-se ao mesmo tempo no que se abre e no que se revela nesta abertura, pois bem, nós teríamos tudo. Sim, mas nada temos, pois precisamente estamos no ‘entre dois’, e retomamos uma fórmula que Fichte empregava quando dizia: ‘O essencial é que toda compreensão supõe um encontro, e todo encontro uma compreensão’. As palavras alemãs que assim traduzo, talvez dando-lhes um novo sentido concreto, são as palavras *zusammenfasen* e *zusammentreffen*. Para poder *zusammentreffen*, para poder encontrar – ora que é o problema do ser, senão o encontro da evidência? Esse encontro nós queremos sempre preservar. Não queremos constituir antecipadamente o que encontraremos e queremos, no entanto, encontrar, tornar possível o encontro. Ora, o que torna possível o encontro é justamente compreender o que se vai encontrar – no sentido de ‘constituir’ o que vai se encontrar. Mas, de outro lado, não se pode compreender, dizia Fichte, se não se encontra. De tal maneira que a antinomia da fórmula permanece assim: se queremos uma

arquivos Husserl em Louvain), ocorrido em 1957, durante o *Congresso de Royamount* em torno de Husserl.

Bento Prado indica-nos que a referência sobre o assunto foi-lhe passada durante um curso sobre Bergson, ministrado pelo Prof. *Victor Goldschmidt*, no período de 1959-1960. Esse curso foi recentemente publicado nos *Annales Bergsoniennes*, retomado da revista *Études Bergsoniennes* de 1950-1960.

Debora Morato, prefaciando o curso, aponta, com muita propriedade, como Deleuze propõe uma filosofia a partir da idéia de campo transcendental sem sujeito, sem ter conhecimento do texto do Prof. Goldschmidt. O que é interessante na discussão e na resposta de Van Breda à questão levantada por Hippolyte é a posição do filósofo: o “entre dois” é o lugar do filósofo, o entre sujeito e objeto. No limite, o lugar do filósofo seria habitar, através do pensamento, uma região de não pertença ao mundo natural. O aspecto transcendental da questão faz com que Hippolyte formule uma segunda questão: “*o que falta a Husserl não é uma teoria da objetividade, mas sim uma teoria da subjetividade*”. Após a resposta de Van Breda, o francês Hippolyte propõe uma solução do problema. Em Husserl não temos uma objetividade como dado, nem uma subjetividade em que seu estatuto seja claramente preciso. E indaga:

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

“Não culminaria esta ambigüidade na possibilidade de se conceber *um campo transcendental sem sujeito* ? Uma noção de campo transcendental no qual apareceriam as condições da subjetividade transcendental e onde o sujeito seria constituído a partir do campo transcendental: seria isto possível?”⁹

A discussão culmina no campo transcendental sem sujeito. Van Breda, diante dessa questão,

verdadeira teoria do Ser, que é uma teoria da revelação, nós queremos uma teoria do encontro, mas o encontro pressupõe o que torna possível o encontro, isto é, uma pré-concepção do encontro, uma compreensão [...]. A redução é a descoberta de um meio onde se torna acessível o problema do encontro”.

⁹ *Idem*, *ibidem*.

responde: “*Para Husserl esta solução é impensável*”. Entretanto, um ponto deve ser esclarecido: quando afirmamos ter sido a partir dessa discussão que um viés bergsoniano acerca da idéia de campo transcendental teria aparecido, não queríamos dizer que Hippolyte e Van Breda o teriam deixado transparecer em sua discussão. O viés bergsoniano aparece nas considerações de Victor Goldschmidt, em torno das posições de Hippolyte acerca da possibilidade desse campo transcendental ser sem sujeito. Ora, o que Goldschmidt destaca é que Hippolyte poderia estar pensando no primeiro capítulo de *Matéria e memória* de Bergson¹⁰.

A sutil inspeção realizada por Bento Prado nas questões que envolvem o bergsonismo e fenomenologia e, em destaque a incompreensão sartriana dos motivos que levaram Bergson a se reportar ao universo das imagens, resulta no conceito de *espetáculo sem espectador*. Neste sentido, é importante prestarmos atenção na citação a seguir:

“A redução fenomenológica, ao transformar o mundo em sistema de fenômenos ou de *noemas*, abre o campo da ‘experiência transcendental’ como horizonte de uma *subjetividade transcendental*. Se a redução bergsoniana instaura, também como veremos, um campo de experiência transcendental, não será no interior de uma subjetividade constituinte. Pelo contrário é a partir da noção de indeterminação ou de introdução de novidade que assistiremos, no interior do campo transcendental, ao nascimento da própria subjetividade. De alguma maneira, podemos dizer que o sistema de imagens corresponde à idéia

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

¹⁰ Bento Prado Junior, após apresentar esta discussão, acrescenta que a solução de Hippolyte parece-lhe mais próxima das modificações que Heidegger introduz na fenomenologia. “O projeto (que é a pré-concepção do ente) não cria o ente, é antes “solicitado” ou, mesmo “jogado” pelo Ser, e não pela consciência (como seria no caso de Sartre). Por outro lado, é só através do projeto que o Ser se ilumina: não há encontro sem compreensão. É no campo do “Aberto” que se torna possível que Dasein tenha acesso aos ente e que os entes se revelem ao Dasein. Mas, segundo o Prof. V. Goldschmidt, talvez Hippolyte tivesse em mente *Matière et mémoire*, ao expor a idéia de constituição da subjetividade a partir de um campo transcendental “pré-subjetivo”. Nesse caso, o sistema das imagens seria justamente o universo prévio e neutro onde se tornam possíveis, ao mesmo tempo, o encontro do Ser e a sua antecipação subjetiva, o projeto enquanto condução do ente à potência e enquanto acesso ao ente”. Cf. *Presença e campo transcendental*, p.133-134.

de um *espetáculo sem espectador*. Mais precisamente ela é o lugar onde tornado-se possível o espetáculo, criam-se, ao mesmo tempo, as condições de possibilidade de um espectador em geral"¹¹.

A minuciosa inspeção feita por Bento Prado sobre as relações entre a fenomenologia e a filosofia de Bergson culminou neste conceito que consideramos de suma importância para compreendermos o que se denomina atualmente de campo transcendental pré-individual e impessoal.. A recolocação do problema, por parte de Bergson, fez que este conceito aparecesse com muita intensidade no texto de Bento Prado e, vale lembrar que este conceito poderia ser muito bem utilizado por Bergson. Mas, o que fica aqui exposto é a relação com a fenomenologia, devido a tal conceito, além de servir como condição para o aparecimento do espectador em geral, também servir para o aparecimento do espectador desinteressado. Vejamos a citação de Husserl :

"O que acontece aqui também pode ser descrito da seguinte maneira: se dizemos do eu que percebe 'o mundo', e aí vive de forma totalmente natural, que ele está interessado nele, então teremos, na atitude fenomenológica modificada, *um desdobramento do eu*; acima do eu ingenuamente interessado no mundo estabelecer-se-á como *espectador desinteressado o eu fenomenológico*. Esse desdobramento do eu está por sua vez sujeito a uma nova reflexão, reflexão que, por ser transcendental, exigirá uma vez mais a atitude 'desinteressada do espectador', preocupado somente em ver e descrever de maneira adequada".¹²

O interesse e o desinteresse pelo mundo, somente pode nascer se existirem condições para que o espectador se instale, sendo deste modo que concluímos a nossa afirmação de que Bento Prado está se reportando também ao conceito husserliano de espectador desinteressado e ao mesmo tempo

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294

¹¹ Bento Prado Jr. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*, p. 145-146.

¹² Husserl, *Meditações Cartesianas*, tradução Frank de Oliveira, São Paulo, Madras, 2001 p. 52-53.

sinalizando para a diferença entre as filosofias de Bergson e Husserl.

Bibliografia:

BERGSON, H *Matéria e memória* : tradução de Paulo Neves da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1990.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*, tradução Luiz Roberto Salina Fortes, São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____ *L'immanence: une vie*, Paris, Philosophie, n. 47, Minuit, 1995 – *A imanência; uma vida.*, tradução de Jorge Vasconcellos e Hércules Quintanilha, in *Gilles Deleuze : imagens de um filósofo da imanência*, VASCONCELLOS, J. FRAGOSO, E (organizadores), Londrina, UEL, 1997

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a filosofia ?* tradução de Bento Prado. Jr e Alberto Alonso Muñoz – Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

HUSSERL , E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, tradução de Marcio Suzuki; Aparecida –SP: Idéias & Letras, 2006.

_____ *Meditações Cartesianas*, tradução Frank de Oliveira, São Paulo, Madras, 2001.

MURALT, A *A metafísica do fenômeno*, tradução de Paula Martins, São Paulo : Ed.34, 1998.

SARTRE. J. P. *A transcendência do ego*, tradução de Pedro M. S. Alves; Lisboa : Colibri, 1988.

PRADO JUNIOR, B. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 279-294